

**A VALORIZAÇÃO DO NEGRO: um olhar sobre o afroempreendedorismo em
São Carlos**

***THE VALUATION OF THE BLACK: a look at Afro-entrepreneurship in São
Carlos***

Rafaela Helena do Nascimento – rafah.nascimento@hotmail.com

Faculdade de Tecnologia de São Carlos – São Carlos – SP – Brasil

Profa. Dra. Ana Teresa Colenci Trevelin – atcol@yahoo.com.br

Faculdade de Tecnologia de São Carlos – São Carlos – SP – Brasil

RESUMO

Desde o período escravocrata com o aval dos seus senhores, a população negra desempenhava, para além do trabalho nas colheitas, atividades que lhes geravam renda extra como serviços artesanais e caseiros, como uma das inúmeras formas de sobrevivência e tentativa de emancipação. Com o decorrer do tempo, tais atividades passaram a ser vistas pela população negra como uma estratégia de enfrentamento a vulnerabilidade econômica e social, de tal forma que na contemporaneidade, os negros tornaram-se donos de seus próprios negócios, em suas micro e pequenas empresas. Surge assim, o termo afroempreendedorismo, uma forma de identificação e ideologia vigente para o fortalecimento e manutenção da identidade negra entre empreendedores. O presente artigo teve como proposta realizar um levantamento bibliográfico a respeito do surgimento do termo afroempreendedorismo na sociedade vigente e analisar a trajetória dos empreendedores negros na cidade de São Carlos, visando com a utilização da metodologia qualitativa descritiva compreender as vivências perpassadas pelos caminhos dos empreendedores negros da cidade, levando a uma reflexão sobre as, ainda presentes, mazelas decorrentes do período escravocrata na vida dos empreendedores negros até os dias atuais e a relação e identificação da população negra com o termo afroempreendedorismo. Pretende-se a partir dos dados coletados desenvolver um Programa de Capacitação em negócios para Afroempreendedores.

Palavras-chave: Afroempreendedorismo. Empreendedorismo. Empreendedorismo negro.

ABSTRACT

Since the slave-owning period, with the approval of their masters, the black population performed activities, in addition to harvesting, activities that generated extra income, such as artisanal and homemade services, as one of the countless forms of survival and an attempt at emancipation. Over time, such activities came to be seen by the black population as a strategy to face economic and social vulnerability, in such a way that nowadays, blacks have become owners of their own businesses, in their micro and small companies. Thus, the term Afroentrepreneurship emerges, a form of identification and current ideology for the strengthening and maintenance of black identity among entrepreneurs. The present article had as proposal to carry out a bibliographic survey about the emergence of the term afroentrepreneurship in the current society and to analyze the trajectory of black entrepreneurs in the city of São Carlos, aiming with the use of the descriptive qualitative methodology to understand the experiences pervaded by the paths of black entrepreneurs from the city, leading to a reflection on the still present problems caused by the slave-owning period in the lives of black entrepreneurs to the present day and the relationship and identification of the black population with the term afroentrepreneurship. Based on the data collected, it is intended to develop a Business Training Program for Afro-entrepreneurs.

Keywords: Afro-entrepreneurship. Entrepreneurship. Black entrepreneurship.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad - Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2018, o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil é o equivalente a 56,10% da população. Dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Constituindo assim, a maioria da população negra, conforme a somatória aplicada pelo IBGE de pretos e pardos nas suas estatísticas (AFONSO, 2019)

Tal percentual de maioridade populacional não isenta a população negra de sofrer as mazelas do racismo estrutural que se manifesta nos âmbitos econômico, político, educacional, jurídico e em muitos outros na nossa sociedade. Uma vez que, entre pessoas que vivem em situação de extrema pobreza, cerca de 41,7% são negras; na amostra de analfabetismo são 9,1% contra 3,9% em relação a pessoas brancas, e em cargos gerenciais apenas 29,9% são ocupados por pretos ou pardos, sendo que essa porcentagem sobe para 68,6% para pessoas brancas (IBGE, 2018.)

No âmbito econômico, o percentual da população negra é novamente notório, como apresentado pelo SEBRAE:

A taxa total de empreendedores (TTE) no Brasil entre pretos ou pardos é maior do que a de brancos, de acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), Sebrae e GEM 2019. São 39% de empreendedores totais, 23,1% de empreendedores iniciais, 15,7% de novos empreendedores, 8,1% de nascentes e 16,5% de empreendedores estabelecidos pardos ou pretos. Enquanto a de empreendedores brancos chegam a 37,8%, 23,6%, 16,1%, 7,9% e 15,2%, respectivamente (SEBRAE, 2020).

De acordo com o estudo, Empreendedorismo Negro no Brasil em 2019, o perfil do negro empreendedor se dá: a maioria identifica-se como pardo (81%), é mulher (52%), tem menos de 40 anos (69%), mora nas regiões Sudeste (40%) ou Nordeste (31%), estudou até o Ensino Médio (49%) e possui renda familiar de até R\$ 5 mil (37%) (GIFE, 2020 apud PRETAHUB, 2019)

A pesquisa anteriormente citada divide os entrevistados em três perfis: os que empreendem por necessidade, uma vez que possuem dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e desemprego; os por vocação, possuem uma familiaridade com a atividade e desejo de serem autônomos; e os engajados, além de uma identificação com a atividade, buscam exercer uma atividade auto afirmativa visando como público alvo a população negra (GIFE, 2020 apud PRETAHUB, 2019).

De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor de 2017, pesquisa realizada em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), negros correspondem a apenas 1% de empreendedores que ganham de R\$ 60 mil a R\$ 360 mil e totalizam 60% dos empreendedores que não lucram nada (ROCHA, 2018).

Em suma, fica evidente que entre a polaridade de novos empreendedores o único fator em comum entre os seus perfis é a identificação racial e o racismo estrutural que perpassa as suas trajetórias. De tal modo, o presente artigo se mostra importante como uma forma de análise sobre a motivação acerca do crescente e constante envolvimento econômico da população negra que almeja uma melhoria de vida, tanto para si quanto para a comunidade ao qual são inseridos.

O objetivo geral do artigo foi realizar um levantamento bibliográfico a respeito do surgimento do afroempreendedorismo na sociedade contemporânea e analisar a trajetória dos empreendedores negros na cidade de São Carlos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Empreendedorismo

Na cartilha apresentada pelo IBGE (2017), o termo empreendedor é sintetizado da seguinte forma:

O termo "empreendedor" possuiu vários significados ao longo dos últimos séculos (HÉBERT; LINK, 1988). Tradicionalmente, a noção de empreendedorismo é creditada a Jean-Baptiste Say (1767-1832), mas foi o economista franco-irlandês Richard Cantillon (década de 1680-1734) quem introduziu, em 1755, o termo ao utilizá-lo para descrever "alguém que exerce um julgamento de negócios em face da incerteza" (BULL; WILLARD, 1993, p. 185, apud IBGE, 2017).

O empreendedorismo foi intensificado no Brasil nos anos 1990, com a redução da taxa de mortalidade das micro ou pequenas empresas (MPEs), as quais exercem influência no desenvolvimento da economia do país, além de questões sociais e políticas (SILVEIRA *et al.*, 2017).

Em suma, o empreendedorismo é uma forma de busca de ascensão e independência financeira através da incerteza do cenário político e social do país, onde o empreendedor possui um papel ativo nas decisões dos seus negócios. Como apresentado por Boava (2006):

Conjunto de atividades que visam proporcionar ao empreendedor, no decurso de sua ação, plena liberdade. Tal liberdade se manifesta devido à ocorrência de uma ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade. O estado de dependência em relação a fatores externos (existente na segurança e estabilidade) é substituído pela possibilidade de ser sujeito da ação. Sua base é transdisciplinar e teleológica, sustentando-se na busca pela realização plena do ser (BOAVA, 2006, p. 116).

Hisrich (1985, p.18) compreende o empreendedorismo como: "processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal". Assim, é possível sumarizar o conceito de empreendedorismo como uma atividade exercida através da criatividade e inovação, sendo a inovação um conceito caracterizado como, "a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método de inovação nas práticas de negócio, na organização do local de trabalho ou nas relações externas." (REIS, ARMOND, 2012, p.211).

Antes mesmo da abolição, os negros já desempenhavam um papel alusivo ao empreendedorismo, uma vez que além da mão de obra escrava, eles eram utilizados em outros

trabalhos, que geravam uma renda própria ou para os seus senhores. Com apresentado por Candido, Xavier, Moura e Santos (2011).

A partir de meados do século XVIII, com o crescimento da população das cidades, os escravos passam a ser utilizados em outros trabalhos. Muitas escravas dedicam-se aos serviços domésticos e ao pequeno comércio: as quitandeiras, por exemplo, chegam a comprar sua alforria (liberdade) ou a de seus filhos com o dinheiro que obtêm. Pelas ruas das cidades há também a presença dos escravos de ganho, ou seja, escravos que trabalham como alfaiates, sapateiros, carpinteiros, carregadores ou vendedores ambulantes e entregam o dinheiro ganho a seus senhores. (CANDIDO, XAVIER, MOURA e SANTOS, 2011, p. 1).

Dessarte, nota-se que o empreendedorismo como forma de liberdade e incentivo para a emancipação se mostra presente também na população negra desde os primórdios da civilização, ganhando ainda uma conotação mais sentimental dos seus significados.

2.2 População negra e o mercado de trabalho

Em 1870, posteriormente a implantação da Lei Áurea (1888), que proibiu legalmente a escravidão o Brasil, o governo brasileiro já estimulava a imigração de trabalhadores estrangeiros, em especial os europeus - em uma busca do embranquecimento da população vigente -, destinados a lavoura da região Sudeste, assim ao fim do século XIX eram 1,13 milhões de imigrantes no país. Com o excesso de imigrantes, após o fim da escravidão, os negros libertos passaram a fazer parte da população pobre do país, sendo marginalizados e renegados na sociedade (MARINGONI, 2011 apud CAMPOS, 2018).

Moura (1988), realiza uma matéria para a revista Princípios para retratar a situação da população negra no país, os negros e os não brancos no Brasil se concentram nas posições de baixa renda ou marginalização; os empregos de maior prestígio social não são ocupados por negros; em 1980, 0,4% dos empregadores são negros.

Em 2018, segundo o IBGE (2019), as pessoas negras continuam constituindo a maior parte da força de trabalho no país. Neste ano, tal contingente correspondeu a 57,7 milhões de pessoas, 25,2 % do que a população branca na força de trabalho, que totalizava 46,1 milhões.

E como posto pela pesquisa realizada pela referida instituição:

Entretanto, em relação à população desocupada e à população subutilizada, que inclui, além dos desocupados, os subocupados e a força de trabalho potencial, as pessoas pretas ou pardas são substancialmente mais representadas – apesar de serem pouco mais da metade da força de trabalho (54,9%), elas formavam cerca de $\frac{2}{3}$ dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%) na força de trabalho em 2018 (IBGE, 2019).

No que concerne à remuneração financeira, em 2018, o rendimento médio mensal das pessoas ocupadas brancas foi 73,9% superior ao das pessoas negras. O recorte por nível de instrução ou por hora trabalhada, reforça a percepção da desigualdade vigente. As pessoas brancas ganham cerca de 45% a mais do que as de cor ou raça preta ou parda com o mesmo nível de instrução escolar. De tal modo, em cargos gerenciais apenas 11,9% eram ocupados por pessoas negras, em 2018, ao passo que entre as brancas tal proporção atingiu 85,9% (IBGE, 2019).

Desta forma, uma das soluções para geração de renda dos negros é através da abertura de negócios, que além de ser um recurso contra o desemprego, é uma forma de fortalecimento da comunidade e perpetuação de costumes e identificações culturais para as gerações vindouras, assim termos como empreendedorismo negro e afroempreendedorismo passam a ser utilizados como uma forma de identificação e inclusão, e não somente uma atividade e sim uma ideologia.

2.3 Afroempreendedorismo

Historicamente, a população negra foi lesada de forma coletiva, assim a sua ascensão social e econômica também se dá de tal forma. Algumas ações têm sido tomadas para dar apoio aos negros que almejam empreender. Entre 1988 e 1991, visionários negros criaram em conjunto com empresas de vários portes, criaram instituições, que ofereciam orientações para as áreas administrativas dos seus associados, seminários, feiras, clubes de negócios, capacitação e treinamentos para afrobrasileiros, como uma forma de incentivo para o empreendedorismo. Centro de Assessoramento e Coordenação Empresarial (CACE) na cidade de São Paulo, Centro de Estudos e Assessoramento de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiros (CEM) e o Círculo Olympio Marques (COLYMAR) as duas no Rio de Janeiro, são algumas das instituições fundadas naquele período (MONTEIRO, 2013 apud CAMPOS, 2018).

Complementarmente, em 1996, com a ambição de um grupo de empresários e profissionais liberais negros, que visavam a criação de uma organização empresarial, com foco na ampliação da participação das empresas afro-brasileiras nos negócios realizados no Brasil e no mundo, após viajarem em uma visita a feira internacional de produtos em Senegal (África) (SANTOS, 2017).

Em 6 de maio de 1997, foi fundado legalmente o Coletivo de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiro de São Paulo (Ceabra). Esta iniciativa estimulou a criação de Ceabras em outros estados brasileiros: Minas Gerais (Belo Horizonte) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Em 1997, os Ceabras, integrando-se à experiência

do Rio de Janeiro (do Círculo Olympio Marques, Colymar), iniciaram a preparação de uma instituição nacional, objetivando a ampliação da intervenção e participação das empresas afro-brasileiras. Foram criadas as bases da Associação Nacional dos Ceabras (Anceabra), que teve sua fundação em 16 de janeiro de 1999. Naquele mesmo ano, ocorreu o primeiro evento do Ceabra São Paulo, o seminário “Negro Rumo ao Século XXI”, que apontava o empreendedorismo como uma das saídas para a população negra no mundo do trabalho (SANTOS, 2017).

O afroempreendedorismo passa a ser relacionado a ação de empreender protagonizada pelos indivíduos autodeclarados como negros, como uma ideologia de autoafirmação e busca pelas suas raízes (SILVA, 2017).

No Brasil, ao decorrer do tempo foram se construindo estratégias de inclusão ao mercado majoritariamente branco, onde se é explorado a comercialização de produtos com fatores étnicos intrínsecos às necessidades do indivíduo, criando uma identificação emocional entre o produto e o cliente (ALMEIDA, 2013).

Tal tentativa de construção comercial, não se isenta das consequências do racismo estrutural presente intrinsecamente na sociedade, uma vez que os negros são os que menos recebem incentivos financeiros ou possuem os seus créditos aprovados pelos bancos. Presentemente, em meio à crise global pandêmica a 4ª edição da pesquisa "O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios", do Sebrae com a Fundação Getúlio Vargas (FGV) de 2020, mostra que: “14% dos empreendedores negros conseguiram empréstimos bancários na pandemia (entre os brancos, 18%), e o valor do empréstimo pedido é de R\$ 28 mil (os brancos pedem, em média, R\$ 37 mil).”

Observa-se a importância de projetos e instituições voltadas para consolidação de empreendedores negros, que possuem como proposta de empreendedorismo chamar atenção para o circuito cultural negro e estimular a circulação de dinheiro entre produtores e consumidores negros, através de bens culturais e dos chamados produtos segmentados, estimulando um consumo como forma de engajamento e inclusão no mercado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa segue a abordagem qualitativa, que para Denzin e Lincoln (2006), consiste num conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, na tentativa de entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que lhes são designados. E a abordagem quantitativa, que Manzato e Santos (2012) definem como uma forma de “de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc.

de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada.” Assim, foi exposto no presente artigo, uma breve apresentação histórica e etimológica dos termos, empreendedorismo, e afroempreendedorismo, analisando em seguida, as semelhanças presentes entre os termos e suas disparidades, e a importância da utilização do termo afroempreendedorismo por um grupo étnico na contemporaneidade.

Para tal feito, foram selecionados artigos e documentos que apresentavam a origem do conceito afroempreendedorismo, os principais críticos do conceito e o desenvolvimento do mesmo na literatura científico-empresarial. Dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica e cartilhas informativas disponibilizadas por órgãos oficiais, como o SEBRAE, IBGE e a organização PretaHup, e sites eletrônicos. O método de análise utilizado foi a análise de conteúdo, visando organizar os dados e analisar os resultados obtidos, a partir de categorias identificadas por meio do referencial teórico coletado.

Gil (1999) caracteriza pesquisas descritivas como tendo a finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Sendo assim, em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo com empreendedores negros da cidade de São Carlos. As entrevistas em profundidade possibilitaram coletar informações detalhadas em uma conversação guiada com descrição dos entrevistados sobre suas vivências e opiniões enquanto afroempreendedores objetivando levantar as dificuldades e realidades enfrentadas visando o fortalecimento do empreendedorismo entre negros na cidade de São Carlos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Levantamento Teórico

Ao analisar o surgimento da origem do termo empreendedorismo e afroempreendedorismo, nota-se a semelhança na necessidade da inovação na forma de fornecimento de serviços e produtos. Necessidade está, interligada ao contexto social, cultural e econômico do período vigente. De tal forma que, o empreendedorismo pode ser classificado como: empreendedorismo por oportunidade, caracterizado por aqueles que já possuem vocação para área e desejo de se tornarem autônomos; e o empreendedorismo de necessidade, originado pela falta de opções para a obtenção de recursos financeiro.

Sendo o termo afroempreendedorismo, utilizados por muitos empreendedores e pensadores negros, como uma terceira e nova vertente do empreendedorismo. O empreendedorismo de engajamento, onde se une a identificação com a atividade e a necessidade de exercer uma atividade com teor ideológico, assim, passam a empreender sobretudo para suprir uma demanda de representatividade racial no mercado sistematicamente discriminatório. Que dificulta a sua prosperidade ao negar crédito financeiro para novos empreendedores, ao não possuir políticas de inclusão racial de fato eficazes, ao não fornecer preparo educacional de qualidade e efetivo para a população.

4.2 Empreendedores negros em São Carlos

A partir de uma pesquisa qualitativa com instrumento de coleta de dados semi estruturado, metodologia na qual se pode manter a padronização das perguntas sem impor opções de respostas ao entrevistado, de maneira que se obtém uma perspectiva do que o entrevistado pensa de forma pessoal (NUNES; NASCIMENTO; ALENCAR, 2016). Foram realizadas o total de cinco entrevistas, onde as respostas fornecidas pelos empreendedores negros entrevistados sobre as suas vivências e opiniões enquanto afroempreendedores foram objetivas e sintetizadas para uma compreensão coesa.

A pesquisa foi realizada com três pessoas do sexo masculino, com a faixa etária entre dezoito e vinte quatro anos, e duas mulheres entre vinte cinco e trinta e cinco anos. Dois dos entrevistados possuem apenas o nível médio completo, um o nível superior incompleto e um dos entrevistados curso profissionalizante. Quatro dos entrevistados trabalham no ramo de prestação de serviços, e um dos entrevistados, no ramo alimentício.

Quando questionados sobre as dificuldades enfrentadas em seus seguimentos de atuação, e se acreditavam que elas se agravaram por conta do fator racial, quatro dos entrevistados acreditam que sim, com respostas tendo em comum o sentimento de incredibilidade da qualidade dos seus serviços, apenas um dos participantes expôs não perceber nenhuma atitude preconceituosa oriunda de seus clientes. Todos os entrevistados expuseram a dificuldade na administração financeira de seus negócios, e associaram tal fato a um despreparo teórico e falta de controle pessoal.

Quatro dos entrevistados iniciaram empreender por escolha, por se identificarem com o ramo dos seus negócios e por acreditarem que seria uma forma de se incluir no mercado de

trabalho e fornecer serviços específicos ou especializados para um nicho comercial, já que acreditam haver uma escassez de ofertas para tal grupo, no caso, a população negra. Com a atual situação mundial, um dos entrevistados se viu na necessidade de empreender para gerar uma forma de renda financeira.

Ao serem questionados sobre o conhecimento do termo afroempreendedorismo, três dos entrevistados responderam terem conhecimento prévio do termo e se considerarem afroempreendedores, em contrapartida dois dos entrevistados admitiram não conhecerem o termo, porém a totalidade acredita na necessidade da população negra de se diferenciar nomenclaturamente do termo empreendedor, como uma forma de identificação coletiva e pertencimento.

Nenhum dos entrevistados recebeu crédito governamental ou possuem conhecimento de programas destinados a ajuda financeira inclusiva, como de instituições privadas, que disponibilizam crédito para a manutenção de pequenos empreendedores. Tendo assim, começado a empreender com a ajuda financeira de familiares, ou saldo previamente acumulado. Apenas um dos entrevistados, participa de palestras sobre empreendedorismo e procura se manter constantemente atualizado sobre assuntos do mundo empresarial, tal como, formas de captar novos clientes, otimização de recursos financeiros e insumos.

Todos eles acreditam ser importante ações e programas de inclusão e de incentivo ao empreendedorismo para negros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou identificar a origem do termo afroempreendedorismo e entender o porquê da sua utilização pela população negra, além de fazer uma breve análise da trajetória empreendedora dos negros no Brasil. Ao se realizar a pesquisa qualitativa, para uma melhor compreensão do assunto, nota-se que há pouco material bibliográfico relacionado a temática de afroempreendedorismo, o que gera a necessidade de se aprofundar e continuar uma análise de tal movimento identitário. Além disso, percebe-se que o empreendedorismo negro é muitas vezes a única saída para a obtenção de renda de pessoas negras, pois a inserção destes no mercado de trabalho é ainda mais difícil por conta de um racismo enraizado na nossa sociedade.

Ressalta-se assim, a necessidade e importância da existência de políticas públicas e a criação e disseminação de redes de apoio e desenvolvimento voltadas para a população empreendedora. Como palestras de empreendedorismo, criação de organizações sociais, e apoio de órgãos privados. Assim, a pesquisa realizada visa auxiliar com os seus levantamentos, trabalhos futuros e a criação de um plano de ação que ajude a população negra a prosperar como uma forma de manutenção de toda sociedade econômica e social.

REFERÊNCIAS

_____. **Estatísticas de Empreendedorismo:2015**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 30, 2017. ISBN: 24010131200.

_____. Indicadores. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. **Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento**, 2018.

_____. **O impacto da pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios**. 4. ed. São Paulo: Sebrae, 2020. 3 p. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/sites/fgvprojetos.fgv.br/files/infogrc3a1fico204a20pesquisa20de20i mpacto2.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

AFONSO, Nathália. **Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencianegra-numerosbrasil/#:~:text=56%2C10%25.,7%20milh%C3%B5es%20se%20declaram%20pardos>. Acesso em: 16 mar. 2021.

ALMEIDA, A. S. M. Consumo e identidade: a produção para o consumo a partir dos insights dos empresários negros. In: NOGUEIRA, J. C. (Org.). **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21**. Florianópolis: Atilênde, 2013. p. 241-274.

BOAVA, D. L. T. **Estudo sobre a dimensão ontológica do empreendedorismo**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2006.

CAMPOS, Amanda Alves. **A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo**. 2018. 28 f. Monografia (Graduação em Administração) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

CANDIDO, Vanessa Edna do Carmo; XAVIER, Elisabete Macedo Rocha; MOURA, Maria Célia Menezes; SANTOS, Fernanda de Santana. **Escravidão negra em São Paulo e no Brasil**. Disponível em: Acesso em 23 de março de 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. Empreendedorismo. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- IBGE. – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: IBGE, v. 41, 2019.
- MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. **Departamento de Ciência de Computação e Estatística–IBILCE–UNESP**, p. 1-17, 2012.
- MARINGONI, G.IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. O destino dos negros após a Abolição. **Desafios do desenvolvimento**. São Paulo, n. 70. p. 34-42.2011.
- MONTEIRO, J. A formação e a ação coletiva do empresariado afro-brasileiro: processos e desafios. In: NOGUEIRA, J. C. (Org.). **Desenvolvimento e empreendedorismo afrobrasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21**. Florianópolis: Atilênde, 2013. p.57-85.
- MOURA, C. Cem Anos da Abolição do Escravismo no Brasil. **Princípios**, São Paulo, n. 15, p.3-9, 1988
- NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho de. Pesquisa científica: conceitos básicos. **Id On Line Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 144, 28 fev. 2016. Lepidus Tecnologia.
<http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v10i1.390>.
- PRETAHUB (org.). **Empreendedorismo Negro no Brasil em 2019**. São Paulo: Plano Cde, 2019. 14 slides, color. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1GnwdImOWngqmriBukMRfgityOC37IP7c/view>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- REAIS, Evandro Paes dos; ARMOND, Álvaro Cardoso. **Empreendedorismo**. Curitiba: Iesde Brasil S.a, 2012.
- ROCHA, Matheus. **Apesar de maioria dos empreendedores no país, negros faturam menos no comércio**. 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/apesar-de-maioria-dosempreendedores-no-pais-negros-faturam-menos-no-comercio-23257044>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- SANTOS, Lucas Vinícius Correa dos. **Uma escuta a afroempreendedores: meandros e as interfaces do empreendedorismo de pessoas negras**. 2017. 64 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Negros são quase metade dos empreendedores brasileiros**. 2013. Disponível em:
<http://www.df.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/DF/negros-sao-quase-metade-dosempreendedores-brasileiros,8590cd8ca8906410VgnVCM1000003b74010aRCRD> . Acesso em: 17 março 2021.

SILVA, G. M. **Empreendimentos sociais, negócios culturais**: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.